



A UTILIZAÇÃO DE REDES SOCIAIS COMO PLATAFORMA PARA VIDEOAULAS: UMA POSSIBILIDADE PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

Letícia Dos Santos Silva
leticiadssilva@hotmail.com¹

Resumo

Este artigo, que é a semente de um trabalho de maior fôlego, se dirige ao relato de experiência envolvendo a utilização de redes sociais como plataformas digitais de videoaulas. Debates neste trabalho a contextualização de formação e desenvolvimento de tecnologias, principalmente da internet. Como essas tecnologias são utilizadas no ensino. São apresentadas as formas de acesso e conteúdo acessado por parte dos brasileiros, bem como a perspectiva educacional existente no que tange a utilização de tecnologias fora do ambiente escolar. Apresentamos as publicações de videoaulas que foram feitas nas redes sociais e seus resultados.

Palavras-chave: Plataformas digitais, Tecnologia, Internet.

Introdução

Iniciamos este trabalho com alguns questionamentos voltados a prática educativa e a sociedade contemporânea: A sociedade atual é justa? Na sociedade atual todos conseguem ter acesso aos serviços? Todos conseguem acesso à educação de qualidade? Qual o nível de interferência do quadro pandêmico na educação? E ainda, quais as possibilidades para o sistema educacional no momento de distanciamento social? Esses são alguns questionamentos que tentaremos responder ao longo deste trabalho e que foram o Norte para o desenrolar do mesmo.

Os objetivos do trabalho se debruçam sobre a possibilidade de manutenção e complementação das aulas pela rede de *internet*. Ademais, busca-se analisar determinadas redes sociais como plataformas adequadas para a disponibilização e socialização das videoaulas. A relevância deste pequeno estudo se apresenta em três aspectos básicos presentes na contemporaneidade, a saber: primeiro, o processo de globalização – no que tange ao desenvolvimento da *internet*; segundo, a massiva utilização das redes sociais pela sociedade global; terceiro, as videoaulas como ferramentas de ensino e aprendizagem geográfica. Outro

¹ Graduanda de Licenciatura Plena em Geografia e bolsista do Programa de Educação Tutorial – PET Geografia, Universidade Federal do Pará – UFPA, Ananindeua - PA.



objetivo deste trabalho é apresentar algumas possibilidades existentes aos docentes que se encontram com receio e/ou dificuldade de aderir as novas tecnologias.

O trabalho está seccionado em quatro seções que são apresentadas a seguir: a primeira seção deste trabalho se dirige a uma contextualização sobre o desenvolvimento de tecnologias. A relação entre a natureza e a sociedade “é, em todos os lugares habitados, a da substituição de um meio natural, dado a uma determinada sociedade, por um meio cada vez mais artificializado, isto é, sucessivamente instrumentalizado por essa mesma sociedade.” (SANTOS, 1996, p. 156). Ou seja, as sociedades tendem a substituir, gradativamente, espaços naturais por espaço antropizados – consequentemente, espaços mais envoltos por tecnologias.

A segunda seção se destina a uma apresentação da utilização dos meios digitais em espaços digitais. Fazemos a discursão pautada na utilização da *internet* como ferramenta de ensino. São apresentadas algumas temáticas que perpassam pela temática principal deste tópico, como as taxas de acesso à *internet* e o tipo de conteúdo que é acessado pela maioria dos brasileiros.

Na terceira seção apresentamos as videoaulas que foram publicadas nas plataformas de redes sociais e os resultados que foram alcançados com a proposta. O presente artigo tem por objetivo maior apresentar a utilização de redes sociais como plataformas digitais para videoaulas, partindo de uma experiência prática. A utilização de videoaulas, no ensino de Geografia, se apresenta como uma ferramenta complementar as atividades que se desenvolvem em sala de aula. Não devemos substituir as aulas presenciais por videoaulas. Desse modo, as videoaulas surgem como uma ferramenta prática na inovação do processo educacional.

Na quarta e última parte trazemos algumas considerações sobre o desenvolver do trabalho, por exemplo, dificuldades e desafios, as propostas de melhoria das videoaulas e outros.

A relação sociedade e natureza: o desenvolvimento de tecnologia

Conforme Santos (1996), a história do meio geográfico pode ser dividida em três etapas: meio natural, meio técnico e meio técnico-científico-informacional. O primeiro se caracteriza pelo ambiente utilizado pelo homem sem muitas transformações, pouca agressão à natureza, com o intuito de sobrevivência. O segundo se refere à emergência de um espaço mecanizado, com um contexto híbrido com componentes materiais naturais e artificiais. Por fim, o terceiro, quando a ciência e a técnica se tornam inseparáveis, juntamente a onda da informática, que tornou a tecnologia parte do cotidiano no mundo moderno.



No processo de evolução das sociedades humanas e sua relação com a natureza (meio), podemos observar a passagem de um meio natural para um meio cada vez mais antropizado – tecnificado. Na atualidade convenhamos chamar de meio de técnico científico informacional – MTCI. Esse momento se inicia pós segunda guerra mundial e se estende até os dias atuais. (SANTOS, 1996).

Percebemos que o MTCI vai possibilitar a humanidade formas de interação revolucionárias. Dentre essas formas de inter-relação, temos a *internet*. Segundo Takahashi (2000), o que denominamos atualmente de *internet*, surge no final da década de 60, por meio de um vasto desenvolvimento de tecnologia para se consolidar uma rede de computadores, naquele momento pensada para fins militares.

De acordo com Santos (1996), “o novo não é difundido de maneira generalizada e total”. Contudo a difusão em grande escala da *internet* fez com que fosse vista para além de lazer, como uma ferramenta para ensino, “a *Internet* é uma comunidade em rápida expansão, que recebe diariamente novos adeptos [...]” (MALOFF, 1997).

Segundo Saraiva (2006), na contemporaneidade a *internet* se volta para o campo civil e com o objetivo de facilitar a vida dos usuários. Além disso, o ciberespaço possibilitou ao seu público conciliar diversão, trabalho e estudo, no conforto de casa.

Como podemos perceber, nesse sucinto histórico, a *internet* ganha cada vez mais espaço no mundo globalizado. Inevitavelmente, começa a englobar os mais variados âmbitos da vida em sociedade. Dentre esses espaços temos a Educação.

A educação na *internet*

Para a construção de uma sociedade, a educação se faz primordial para que as pessoas estejam habilitadas para lidar com o novo (TAKAHASHI, 2000). Partindo da ideia de que a modernidade, enfatizando o período de pandemia, impõe do professor o ato de inovar no uso de recursos didáticos e em muitos casos aprender a utilizar os recursos tecnológicos, entende-se a necessidade de treinamento e orientação para os docentes.

A *internet* é um amplo espaço de agregar conhecimento, portanto, como um objeto de ensino tem suas vantagens e desvantagens conforme aponta Bonini e Lombardo (2004):

O ensino através da *internet*, como qualquer processo de ensino-aprendizagem, possui vantagens e desvantagens. Dentre as principais vantagens destacam-se:



1. Distribuição do conhecimento em larga escala; 2. Redução dos custos de distribuição, pois pela *internet* não há custos de impressão e transporte. 3. São possíveis diversas técnicas de ensino, tais como: texto, imagens, comunicação entre professores, professores e alunos e entre alunos. Com relação às desvantagens deste recurso pedagógico pode-se relacionar: 1. A impessoalidade na relação entre o professor e o aluno; e 2. Restrição de acesso de pessoas carentes ao meio informatizado. (BONINI e LOMBARDO, 2004, p.1).

Com a utilização do espaço virtual no ensino podemos amplificar a construção de uma prática pedagógica que visa a observação, desenvolvimento da pesquisa, em um entendimento crítico da realidade que cerca os alunos de acordo com Rodrigues & Sousa (2012, p.43 apud Hoffmann, p.03). Utilizar esse aspecto de facilidade ao acesso de informações que a *internet* possibilita é de grande valor para o ensino, tendo em vista que a atual prática educativa, se encontra em uma perspectiva de pragmatismo e tradicionalismo.

É válido ressaltar que não buscamos a substituição do professor em sala de aula física pelo professor em salas de aulas virtuais, mas buscamos conciliar a prática docente a uma ferramenta inerente as gerações presentes. Portanto, alguns questionamentos são relevantes, como: O docente possui treinamento ou qualificação para adequar os conteúdos a esse novo momento? Os discentes e docentes possuem acesso à *internet* ou a recursos para acompanhar ou disponibilizar esses conteúdos em rede? E ainda, os discentes utilizam a *internet* para estudar?

Inicialmente, analisando essas temáticas percebemos que a rede pública de ensino se preocupa, primordialmente, em comprar *hardwares* e *softwares*. Porém, pouquíssimo é destinado ao treinamento e orientação dos docentes e profissionais envolvidos nesse meio (SANDHOLTZ, 1997). Com isso, recaímos no primeiro problema envolvendo a disseminação dessas ferramentas no ensino, onde, a escola dispõe – ainda que de forma precária – determinadas tecnologias, porém não possui pessoas treinadas e qualificadas para a utilização. Desse modo, praticamente, anulando o investimento que foi feito na compra dos *hardwares* e a busca por ferramentas no meio digital.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, no ano de 2017, 74,9% da população brasileira tinha acesso à *internet* em domicílio. Entretanto 95,5% dos brasileiros utiliza a *internet* para troca de mensagens em redes sociais. Ou seja, uma parcela considerável da população brasileira possui acesso à *internet*, porém não a utilizam para acessar sites educativos ou para buscar acesso a vídeo aulas e conteúdos educativos.



Segundo Cavalcanti (2010), no que diz respeito ao ensino de Geografia, para que possamos discutir as teorias geográficas no mundo contemporâneo, se faz necessário que levantemos alguns aspectos e características do mundo contemporâneo. Inicialmente devemos conceber a ideia de que o mundo é globalizado. Outrossim, entende-se por globalização o processo de integração econômica, cultural, tecnológica, social e outros entre as nações do mundo. É válido ressaltar que nesse processo não temos uma escala igualitária de atuação. A participação no fenômeno de globalização se dá em escalas de importância, local, regional, global etc. Outro aspecto importante do mundo atual é o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação. De um lado, esses avanços permitiram que a sociedade atual possa “presenciar” todos os fenômenos que se desenvolvem no globo. Por outro lado, o avanço nos meios de comunicação tem propiciado o processo de homogeneização cultural. A rede urbana é outro aspecto relevante. Os aglomerados urbanos representam espaços complexos e diversos da história da sociedade. E ainda, evidenciam as desigualdades sociais resultantes do modelo capitalista. Por fim, o multiculturalismo se destaca na intensificação do convívio entre povos de variados lugares do mundo, fomentada pela maior interação entre as pessoas no globo. Diante de todo esse contexto, a Geografia deve dar conta de toda essa “efervescência” presente no mundo. Sendo assim, a ciência geográfica deve abranger um caráter multifacetado, de tal forma se possa abarcar a totalidade e a multiplicidade presentes no globo terrestre.

Videoaulas nas redes sociais como objeto de aprendizagem

Tendo por base a discussão feita anteriormente, iremos apresentar uma proposta de intervenção com a utilização de vídeo aulas disponibilizadas em redes sociais como objeto de aprendizagem.

Inicialmente se faz necessário definirmos o que são objetos de aprendizagem. Segundo Gutierrez (2004), objeto de aprendizagem são: “(...) todo objeto que é utilizado como meio de ensino/aprendizagem. Um cartaz, uma maquete, uma canção, um ato teatral, uma apostila, um filme, um livro, um jornal, uma página web, podem ser objetos de aprendizagem”. Ou seja, os objetos de aprendizagem são facilitadores do processo de ensino e aprendizagem dos educandos. A utilização desses objetos de aprendizagem varia de acordo com a proposta pedagógica de cada docente, bem como da política educacional na qual o professor está inserido em determinada instituição de ensino. Em conformidade a ideia de Freire (1987) o ensino pode ser concebido em

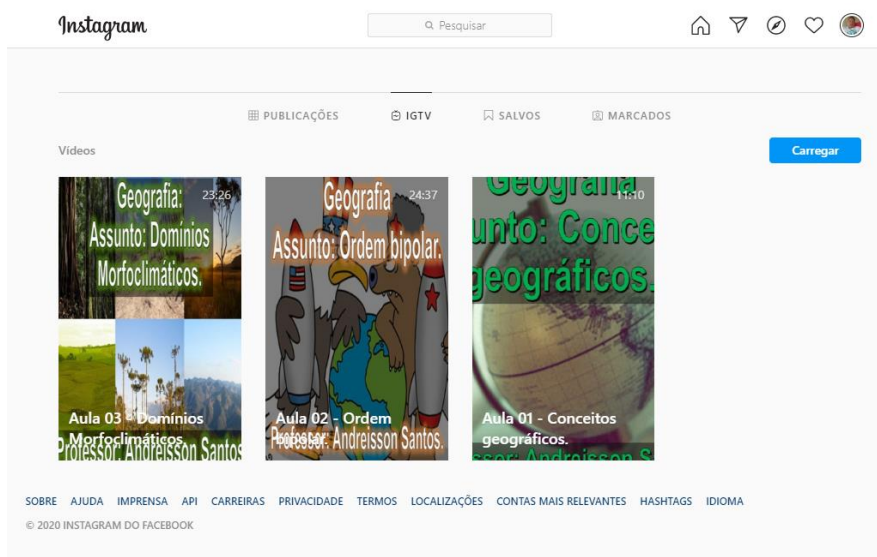


duas perspectivas antagônicas, a saber: a prática docente pode se voltar para o ensino bancário, onde os professores detêm a verdade absoluta e inquestionável, são reprodutores do conhecimento que lhes foi passado anteriormente e o aluno um mero receptor desse conhecimento. No sentido contrário a essa prática, existe o modelo libertário/problematizador, onde a relação entre professor e aluno se dá de maneira igualitária, o professor exerce o papel de mediador dos conteúdos trabalhados e os alunos são os principais e responsáveis sujeitos no desenvolvimento dos conteúdos. Logo ato de ensinar exige do educador a “consciência do inacabamento”, “o reconhecimento de ser condicionado” pois, a partir da consciência do ser inacabado, tornamo-nos seres que a curiosidade se torna imprescindível para a produção de conhecimento (Freire, 2006).

De acordo com Franco (2012) as redes sociais “Indicam um processo de socialização, algum tipo de interação coletiva e social que pressupõe o compartilhamento de informações, conhecimentos, desejos e interesses”. Portanto, foram escolhidas as plataformas de redes sociais por, primeiramente, permitirem o envio de arquivos em vídeos. Segundo, são de fácil acesso tanto para os alunos quanto para os docentes. Terceiro, são plataformas totalmente gratuitas. Quarto, as redes sociais permitem o compartilhamento dos vídeos e, conseqüentemente, o maior alcance às pessoas interessadas em determinado conteúdo. O maior objetivo com as videoaulas foi de facilitar o acesso dos discentes ao conteúdo que eles devem ver em sala de aula, ou seja, as videoaulas são aulas complementares ao conteúdo ministrado em sala. E ainda, temos como objetivo base a facilitação do acesso aos conteúdos educativos para as pessoas de menor poder aquisitivo. Conforme a figura 01, mostramos as aulas disponibilizadas na rede social “Instagram”.



Figura 01: Vídeo aulas na plataforma *Instagram*.



Fonte: Autora, 2021.

É válido ressaltar, levando-se em consideração esse estudo, a diferença existente entre as plataformas sociais na maneira de divulgação dos vídeos. A rede social *Facebook* permite o compartilhamento mais fácil, por conta do *layout* de prático manuseio. O que resulta em uma maior divulgação das videoaulas. Já a plataforma *Instagram* torna o alcance dos vídeos postados mais amplos, pois se encaixam em um nicho, tornando a abrangência para além do alcance entre pessoas próximas.

Foram disponibilizadas 3 (três) vídeos aulas com as seguintes temáticas: 1 – Conceitos geográficos; 2 – Ordem Bipolar e 3 – Domínios morfoclimáticos. As vídeos-aulas contém 10 (dez) e 25 (vinte e cinco) minutos e foram postadas em um período de 3 (três) semanas, no *Facebook* e no *Instagram*. Através das videoaulas, foi possível mensurar o alcance às pessoas por meio dos valores de visualizações, comentários e curtidas no material disponibilizado. Somados, os acessos as aulas somam cerca de 1 200 visualizações, 62 comentários e 510 curtidas. Entre os comentários tivemos um *feedback* bastante positivo como elogios, agradecimentos e sugestões. Ademais, através da função *direct* do *Instagram* recebemos dúvidas e perguntas no que tange as temáticas das videoaulas que foram respondidas, uma vez que a finalidade da função é de permitir a troca de mensagens entre os usuários de forma particular.

As videoaulas se encontram disponíveis nos seguintes endereços eletrônicos: [instagram.com/p/B-FamvJJ8R3/](https://www.instagram.com/p/B-FamvJJ8R3/) e [facebook.com/andrei.santos.779/videos/3203705516320148/](https://www.facebook.com/andrei.santos.779/videos/3203705516320148/).



Cada videoaula abordou uma temática diferente. Na primeira, trabalhamos os conceitos básicos da ciência geográfica e sua aplicação no momento contemporâneo. A segunda se debruçou sobre o período da ordem bipolar e suas influências em escala global. Por fim, a terceira, foi desenvolvida sobre a classificação do território brasileiro em domínios morfoclimáticos, proposta pelo Professor Aziz Ab'Saber.

Considerações finais.

Poder desenvolver as videoaulas e disponibilizá-las de forma gratuita, propicia o acesso à educação e a determinados meios de estudo. Não avaliamos um resultado objetivo por parte dos alunos, mas conseguimos mensurar o alcance na quantidade de visualizações e comentários positivos no material disponibilizado. Com o estudo, pode-se perceber que as redes sociais se transformam em uma possibilidade aos professores e alunos que não podem custear uma plataforma de ensino. Para os professores é a possibilidade de disponibilizar materiais, aulas etc. Aos alunos é uma possibilidade de acesso sem grandes custos. Devemos sempre trabalhar para melhorar e qualificar os materiais disponibilizados.

Como propostas para as próximas videoaulas recomendamos que não se façam aulas com duração muito elevada. Em média devemos estabelecer 5 a 10 minutos para a aula. Obviamente nesse tempo não será possível debater questões mais profundas, por isso se deve seccionar um tema em aulas dessa duração. Dessa forma, tornando o desenvolver da aula menos fatigante aos alunos. Uma das possíveis dificuldades que os docentes podem encontrar na elaboração das aulas, se encontra no fator desconhecimento operacional tecnológico. Para tanto recomendamos a pesquisa minuciosa de ferramentas adequadas para a gravação das aulas e o diálogo com outros professores que dominem a tecnologia.

As videoaulas se apresentam como um importante instrumento para a disseminação e facilidade do acesso para os discentes. Por conta do isolamento social, em decorrência da pandemia do novo Coronavírus (COVID-19), as videoaulas podem ser uma das alternativas para a manutenção dos estudos de crianças e adolescentes. Devemos ressaltar que essa é uma ferramenta que pode auxiliar os docentes e discentes, entretanto, não substituem a prática educativa em sala de aula. Somado a isso, devemos ter por objetivo a busca por treinamento e capacitação dos docentes e discentes na utilização dos *hardwares* e *softwares*. Bem como, o trabalho de disseminação das possibilidades que o alunado tem com as ferramentas digitais.



Referências bibliográficas

BONINI, Andre Marciel e LOMBARDO, Magda Adelaide. **Internet e multimídia no ensino médio: avaliação prática no ensino de geografia na escola pública.** Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/igce/geografia/pos/downloads/2004/internet.pdf>>. Acesso em: 27 de março 2021.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade: Ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana.** Campinas, SP: Papirus, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 33ª ed., 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FRANCO, Iara Cordeiro de Melo. Redes sociais e a EAD. In: LITTO, Fredric Michel; FORMIGA, Marcos (Orgs.). **Educação a distância: o estado da arte.** 2. ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.

GUTIERREZ, SUZANA de Souza. **Distribuição de conteúdos e aprendizagem on-line.** RENOTE – Revista Novas Tecnologias da Educação, v. 2, p. 1–14, 2004.

MALOFF, J. **A internet e o valor da “internetização”.** Ciência da Informação, v. 26, n. 3, 1997. DOI: [10.18225/ci.inf.v26i3.765](https://doi.org/10.18225/ci.inf.v26i3.765). Acesso em: 27 março 2021.

RODRIGUES, Alexandre; SOUSA, Nilton. **A internet e o ensino de geografia.** *Projeção e Docência*, v.3, n.1, p.37-55, 2012. Disponível em:<<http://revista.faculdadeprojecao.edu.br/index.php/Projecao3/article/view/185>>. Acesso em: 29 de março 2021.

SANDHOLTZ, Judith, [et al]. **Ensinando com tecnologia: Criando salas de aula centradas nos alunos.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Ed. Hucitec, 1996.

SARAIVA Karla. **Outros tempos, outros espaços: Internet e Educação.** Porto Alegre. 2006.

TAKAHASHI, Tadao. **Sociedade da informação no Brasil.** Brasília DF: Ministério da Ciência e da Tecnologia, 2000.

Sites consultados: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html#subtitulo-2>